

# Porque necessitamos de um modelo bioecológico–transaccional para pensar o futuro?

Maria Raúl Lobo Xavier<sup>1</sup>

## Resumo

Com este trabalho procuramos justificar como o modelo bioecológico de Urie Bronfenbrenner e o modelo transaccional de Sameroff e colegas poderão ser utilizados como guias úteis para evidenciar a necessidade de uma atenção especial para com as crianças e suas famílias.

Consideramos que o maior desafio de uma sociedade – da nossa sociedade - é o de ser capaz de trabalhar (n)o presente a pensar no FUTURO. E quem melhor que as crianças para corporizar esta ideia? Todos os envolvidos directa ou indirectamente nas práticas do cuidar da infância têm um lugar cativo na tarefa de cumprir este desafio com o máximo de sucesso.

Para fundamentar a necessidade desta atenção sobre a infância – no sentido de promover o interesse dos profissionais e de quem intervém em situações de decisão que envolvem famílias e crianças – defendemos que dois modelos de desenvolvimento são de grande importância: O modelo bioecológico de Bronfenbrenner e o modelo transaccional de Sameroff e colaboradores.

<sup>1</sup> Docente da Faculdade de Educação e Psicologia/ UCP

## Modelo bioecológico de desenvolvimento

Nos finais da década de 70, Urie Bronfenbrenner (Universidade de Cornell) publicou um livro com o título “A ecologia do desenvolvimento humano” (1979) em que não só pôs em causa as correntes mais em voga na psicologia do desenvolvimento, como sublinhou – de uma forma inovadora – a importância do estudo do contexto/ambiente em que o desenvolvimento decorre. O modelo organiza-se em torno do seguinte princípio: o desenvolvimento humano consiste na acomodação progressiva e bidireccional entre o ser humano activo e as características dos contextos em que este age, pensa e sente (Bronfenbrenner, 1979).

Estes contextos são descritos em termos de quatro tipos de sistemas que se organizam de um modo que o autor descreve metaforicamente como uma espécie de conjunto de bonecas russas (Bronfenbrenner, 1979): o microssistema, o mesossistema, o exossistema e o macrosistema.

O microssistema é o sistema ecológico mais próximo, onde acontecem os padrões de actividades, papéis, relações interpessoais e experiências que envolvem o próprio indivíduo e outras pessoas com características diferentes quanto ao temperamento, personalidade ou sistema de crenças (Bronfenbrenner, 1979). Integra a família, a escola, a igreja, a vizinhança, a associação recreativa onde tem actividades de tempo livres, etc. Quando a criança passa de um microssistema conhecido, como por exemplo a família, integrando outro microssistema, como por exemplo quando entra na escola, acontece aquilo que Bronfenbrenner definiu como “transição ecológica”. Estas transições são ao mesmo tempo consequências e promotoras do desenvolvimento. Ao mesossistema correspondem as inter-relações entre dois ou mais contextos próximos em que o indivíduo participa, como por exemplo a relação entre a escola e a família ou entre igreja e a família. Os exossistemas são constituídos por um ou mais contextos que indirectamente afectam o indivíduo e em que pelo menos num deles o indivíduo está inserido. Podem ser estruturas sociais formais ou informais que influenciam o que acontece no ambiente mais próximo: por exemplo as características e experiências de emprego dos pais de uma criança ou as características e funcionamento do bairro onde uma criança vive. Quanto aos macrosistemas, são sistemas de crenças e padrões institucionais de cultura que influenciam os outros 3 sistemas.

Uns anos mais tarde, Bronfenbrenner (1995, 1999) introduziu mudanças significativas no seu modelo ecológico do desenvolvimento humano, recombinao-o com novos elementos numa organização que classifica como mais dinâmica. Três novos factores deverão ser tidos em conta naquilo que definiu como o modelo bioecológico: a ênfase nas características fenotípicas e genotípicas dos indivíduos, a ênfase nas relações do indivíduo em desenvolvimento com as pessoas e situações com que se relaciona e a introdução de uma dimensão essencialmente temporal do desenvolvimento.

O modo como alerta para a necessidade de ter em atenção as características dos indivíduos é marcado pelos avanços, por exemplo, da genética, não traduzindo uma vontade de dar menos atenção aos sistemas que envolvem o indivíduo, mas sim, o sublinhar da necessidade de integrar as suas características genotípicas e fenotípicas nas leituras sobre o desenvolvimento. Quanto às relações que o indivíduo em desenvolvimento estabelece com o seu entorno, Bronfenbrenner descreveu-as como Processos Proximais – formas de interacção participativa/relações funcionais, entre o organismo e o meio que se desenvolvem ao longo do tempo. Quanto mais ricos são os processos proximais, maiores as probabilidades das potencialidades genéticas dos indivíduos em desenvolvimento se tornarem realidade. A nova dimensão temporal, cronossistémica, que Bronfenbrenner defende permite um olhar sobre as influências das mudanças e das continuidades no desenvolvimento humano, considerando-se o microtempo, mesotempo e macrotempo (Bronfenbrenner & Morris, 1998, 1999) e, portanto, abordando o indivíduo e as suas relações com os acontecimentos presentes, e também uma perspectiva histórica. No âmbito do microtempo, as interacções devem ser caracterizadas pela reciprocidade e complexidade gradual. O mesotempo diz respeito à maior periodicidade destes episódios, assumindo-se o significado desenvolvimental da sua cumulatividade. Assim, consideram-se intervalos de tempo mais alargados, como por exemplo dias ou semanas. O macrotempo perspectiva as mudanças no âmbito da sociedade mais alargada, em cada geração e entre gerações, enquanto influenciando e sendo influenciadas pelos indivíduos em desenvolvimento ao longo das suas vidas.

## Modelo transaccional do desenvolvimento

Partindo de estudos descritivos sobre a relação pais-criança realizados na década de sessenta, Sameroff e Chandler (1975) defendem que os processos transacionais são parte central do desenvolvimento. Sublinharam o carácter recíproco das influências, dando importância às características individuais da criança na organização do seu ambiente. Consideramos então que estamos no domínio do modelo transaccional do desenvolvimento. Este modelo entende o desenvolvimento da criança como o produto da interacção contínua, dinâmica e bi-direccional entre a criança e a experiência fornecida pela família e o contexto social em que está inserida, dando idêntico peso, quer aos efeitos produzidos pela criança, quer pelo meio envolvente (e.g. Sameroff e Fiese, 1990; Samerof e MacKenzie, 2002). Ou seja, a própria criança é agente activo do seu desenvolvimento, modelando e regulando as experiências do meio, tal como este regula e modela as experiências da criança.

O que é inovador nesta conceptualização é a ênfase no efeito da criança sobre o meio ambiente e vice-versa, de forma a que as experiências possibilitadas pelo ambiente não lhe são independentes. “O resultado da criança em qualquer ponto do tempo, não é nem em função do estado inicial da criança, nem do estado inicial do ambiente, mas uma função complexa da acção combinada da criança e do ambiente ao longo do tempo” (Sameroff & Fiese, 1990, 122-123).

O desenvolvimento não deverá então ser apenas visto como o resultado das características da criança ou de quem dela cuida. A passagem do tempo e as experiências que se vão sucedendo, assim como a leitura que cada um faz dessa experiências e características têm que ser analisados para a sua compreensão. Pensando na intervenção, Sameroff e MacKenzie (2003, 21) escreveram: “a complexidade do sistema transaccional abre a possibilidade de muitos caminhos de intervenção que facilitem o desenvolvimento saudável das crianças e das suas famílias”

## Um olhar bioecológico-transaccional sobre a infância

Somos assim da opinião que um olhar bioecológico-transaccional - ao assinalar que o indivíduo e o ambiente se influenciam reciprocamente, mudando ambos ao longo do tempo e adaptando-se às alterações um do outro, e que este ambiente ou contexto pode ser mais próximo ou mais distante - é imprescindível para entender o desenvolvimento. Este varia de indivíduo para indivíduo, tendo em conta as suas próprias características e necessidades e o modo como a sociedade lhes responde. As oportunidades e/ou os riscos para o desenvolvimento que cada um enfrenta dependem assim das suas características individuais e dos contextos em que vive.

As oportunidades resultam das relações que cada criança estabelece com os elementos dos contextos mais próximos ou mais distantes que lhe possibilitam suporte material, emocional e social (educação e saúde), respondendo às suas necessidades e capacidades, em cada momento do desenvolvimento. Os riscos estão relacionados quer com ameaças directas, quer com a ausência de oportunidades para o desenvolvimento (e.g. Garbarino e Abramowitz, 1992). Quando o mundo da criança não disponibiliza experiências e relacionamentos essenciais, referimo-nos a factores de risco socioculturais ou ambientais.

Consideramos que os dois modelos apresentados são da maior importância para alterar o nosso olhar sobre a infância, dando-lhe mais atenção e assumindo a urgência de pensar cada criança juntamente com a sua família e os contextos de desenvolvimento mais alargados. A sua principal contribuição poderá ser vista no modo como salienta a necessidade de articular os apoios funcionais, sociais, políticos e culturais que podem responder às famílias e às crianças. Em pleno séc XXI, a sociedade tem que responder às necessidades que estas apresentam: Investir na prevenção, na ênfase sobre os pontos fortes e na robustez das famílias, no desenvolvimento dinâmico de pais e filhos, na relação entre a família e uma escola que cumpra no saber, saber/ser e saber/estar, na importância dos valores culturais e nas redes de apoio social (na comunidade) é investir no FUTURO.

A investigação científica, em várias áreas, tem demonstrado claramente a importância dos primeiros anos de vida naquilo que será a continuação do percurso desenvolvimental (e.g. Gomes-Pedro, Nugent, Young e Brazelton, 2005;

Karr-Morse e Wiley, 1997; Shonkoff e Phillips, 2000). Há também, pelo mundo fora, evidência acumulada sobre as vantagens económicas de investir na infância (e.g. Shonkoff e Phillips, 2000). O desafio agora é traduzir estes dados em estratégias práticas e sustentáveis, em situações em que isto compete com outros investimentos e com as limitações de recursos que se sentem – esta deve ser a tarefa de todos.

## Bibliografia

Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Cambridge, MA: Harvard University Press

Bronfenbrenner, U. (1995). Developmental ecology through space and time: A future perspective. In P. Moen, G.H. Elder e K. Luscher (Eds.), *Examining lives in context: perspectives on the ecology of human development*. Washington, DC: APA Books

Bronfenbrenner, U. e Morris, P.A. (1998). The ecology of developmental processes. In W. Damon e R.M. Lerner (Eds), *Handbook of Child Psychology. Vol 1, Theoretical models of human development* (6ª Ed.). N. Y.: Wiley & Sons.

Bronfenbrenner, U. e Morris, P.A. (1999). The ecology of developmental processes. In J. Gomes-Pedro (Ed.), *Stress e violência na criança e no jovem*. Lisboa: Departamento de Educação Médica e Clínica Universitária de Pediatria da Faculdade de Medicina de Lisboa.

Garbarino, J. e Abramowitz, R.H. (1992). The Ecology of Human Development. In J.K. Whittaker (Ed), *Children and Families in the social environment*. N.Y.: Aldine de Gryter

Gomes-Pedro, J., Nugent, K.J., Young, J.G e Brazelton, T.B. (2005). *A criança e a família no século XXI*. Lisboa: Dinalivro.

Karr-Morse, R. e Wiley, M.S. (1997) *Ghosts from the nursery. Tracing the roots of violence*. N.Y: Atlantic Monthly Press.

Sameroff e Chandler (1975). Reproductive risk and the continuum of caretaking casualty. In F. D. Horowitz, M. Hetherington, S. Scarr-Slapatek, e G. Siegel (Eds.), *Review of child development research*. Chicago: University of Chicago Press.

Sameroff, A.J. e Fiese, B.H. (1990). Transactional regulation and early intervention. In S.J. Meisels e J.P. Shonkoff. *Handbook of early childhood intervention*. Cambridge: Cambridge University Press.

Sameroff e MacKenzie (2003). A quarter-century of the transactional model: How have things changed?. *Zero to Three*, 24, 14-22

Shonkoff, J.P. e Phillips, D.A. (2000). *From neurons to neighbourhoods*. Washington, D.C.: National Academy Press.